

A construção do Rio De Janeiro na literatura de viagem oitocentista

DOI

<http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320161209>

The construction of the Rio De Janeiro in the nineteenth century travel literature

Vinícius Craneck Gagliardo
Universidade Estadual Paulista –
UNESP, Franca, SP, Brasil.
viniciusgagliardo@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo tem por objetivo mapear a construção do Rio de Janeiro na literatura de viagem oitocentista. Partindo da análise sobre o que são os relatos de viagem e como tais descrições permitiram a formulação de uma certa ideia de Brasil que passou a circular no Mundo Atlântico, pretendo esquadriñar que imagem do Rio de Janeiro foi construída nas narrativas desses estrangeiros. Para isso, procurei deixar as citações “falarem por si próprias”, ou seja, procurei restituir a voz a estes indivíduos, com a expectativa de reconstituir – ainda que parcialmente – e interrogar o que os viajantes estrangeiros, afinal, tinham a dizer sobre os acontecimentos em que estavam envolvidos.

Abstract

This paper aims to map the construction of the Rio de Janeiro in the nineteenth century travel literature. Starting by the analysis of what are the travel accounts and how such descriptions allow the formulation of a certain idea of Brazil that began to circulate in the Atlantic World, I intend to scan which image of the Rio de Janeiro was built in the narratives of those foreigners. For this, I tried to leave the quotes “speak for themselves”; other words, I tried to restore the voice to these individuals, with the expectation to rebuild - even partially - and question what foreign travelers, after all, had to say about the events that they were involved.

Palavras-chave

Literatura de Viagem; Rio de Janeiro; Século XIX.

Keywords

Travel Literature; Rio de Janeiro; Nineteenth Century.

A transferência de Dom João para o Novo Mundo resultou em grande impacto sobre a vida no Rio de Janeiro. Acompanhado de sua corte, o monarca desembarcou na capital brasileira, em 8 de março de 1808, consolidando-a como a mais importante urbe do Brasil oitocentista. Com a abertura dos portos, decretada pelo príncipe lusitano nos primeiros dias após sua chegada aos trópicos, ampliou-se consideravelmente a circulação e a permanência de estrangeiros no Brasil, o que aumentou a divulgação de imagens do território brasileiro no continente europeu, devido à crescente quantidade de relatos de viagem sobre o país publicados por lá. Isso porque, após a abertura dos portos, os viajantes estrangeiros promoveram um “novo descobrimento”¹ do Brasil, já que, até 1808, Portugal restringia a entrada e a permanência de estrangeiros em seus domínios coloniais, utilizando a denominada “política de sigilo”² como forma de proteger suas possessões, o que acarretou certo isolamento em relação ao restante do mundo. Nesse sentido, até a abertura dos portos, Portugal procurou, de um lado, proibir a entrada de estrangeiros na América portuguesa e, de outro, evitar a divulgação de quaisquer informações sobre seu território ultramarino, visando a assegurar seu domínio sobre a Colônia. O francês Ferdinand Denis, que desembarcou no Brasil em 1816, ressalta a transformação no afluxo de visitantes e na propagação de notícias do Brasil ocorrida com o fim da denominada “política de sigilo” dos tempos coloniais e o início do “novo descobrimento”, resultado da abertura dos portos:

Mais que isso, por espaço de cento e cinquenta anos, só Pison, Barléu e os antigos viajantes do século XVI podem ser consultados acerca do seu estado comercial, da sua geografia e produções: uma política absurda proíbe que estrangeiros se aproximem do Brasil, e só restam a seu respeito as breves referências que nos chegam dos que realizam viagens ao redor do mundo, tão vagas como as informações do mais oculto império do Oriente. [...] Em poucos anos as coisas mudaram muito, sem dúvida, e os brasileiros são os primeiros a solicitar as luzes, que lhes negava um governo que procurava deixá-los na ignorância. Desde o princípio do século atual [o XIX] o Brasil tem sido visitado em todas as direções pelos mais ativos e instruídos viajantes: [...] buscaremos dar a conhecer o estado presente de tão bela região.³

Entretanto, apesar da “política de sigilo” metropolitana ser considerada por Portugal uma das principais estratégias de conservação do seu território ultramarino, foram constantes, durante os três primeiros séculos de colonização, as arribadas de embarcações estrangeiras nos portos das principais cidades litorâneas brasileiras.⁴ De fato, como afirma Luciana de Lima Martins, “numa época em que a navegação a vela era o único meio de transporte para viagens além-mar, a escala no Rio de Janeiro fazia-se quase que obrigatória”⁵. De passagem pelos portos sul-americanos, os estrangeiros que desembarcaram no Brasil observaram-no e registraram-no em seus diários, correspondências, anotações e livros de viagem. Com a publicação destas descrições sobre suas experiências e impressões nos trópicos, os visitantes apresentaram no continente europeu imagens do que supostamente seria a América portuguesa, seus habitantes e costumes, dando forma a um território até então bem desconhecido

1
CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais ente França e Brasil*. Campinas: Papyrus, 1994, p. 31.

2
DENIS, Ferdinand. *Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 66.

3
BICALHO, Maria Fernanda. *A cidade e o Império: o Rio de Janeiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 112.

4
MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 14.

5
MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 14.

6

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino: antologia de textos (1809-1818). Rio de Janeiro: José Olympio, 2013, p. 7-8.

7

Idem. A construção do Brasil na literatura de viagem nos séculos XVI, XVII e XVIII. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; São Paulo: Editora da UNESP, 2012, p. 242.

8

Ibidem, p. 242.

9

No sentido de que havia certo lugar social que deveria ser ocupado pelo colono branco.

10

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. A construção do Brasil na literatura de viagem nos séculos XVI, XVII e XVIII, p. 283-284.

11

LISBOA, Karen Macknow. A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Hucitec, 1997, p. 29.

12

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "A herança colonial - sua desagregação". In: _____. (dir.). História geral da civilização brasileira, p. 12-13.

13

LIMA, Oliveira. D. João VI no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, p. 85.

do Velho Mundo.

Antes da vinda de Dom João, as descrições do Brasil construídas nas narrativas de viagem eram geralmente breves, acerca de uma ou duas cidades, tendo em vista que a circulação e a permanência estrangeiras por aqui eram restritas.⁶ De acordo com Jean Marcel Carvalho França, que analisa as descrições do Rio de Janeiro, Salvador e Recife compostas pelos viajantes entre os séculos XVI e XVIII, os relatos destes aventureiros sobre o Brasil colonial "curiosamente não variam muito, e isso num duplo sentido: não variam quando comparamos as descrições das 3 cidades e não variam quando colocamos lado a lado descrições de uma mesma cidade produzidas em diferentes épocas"⁷ De modo geral, nas relações de viagem, as imagens destas três importantes cidades brasileiras apresentam-nas:

[...] com muitas fortalezas, com bons portos, com um comércio razoável, com ruas retas, mas sem calçamento - ou mal calçadas - e sujas, com uns poucos e modestos prédios públicos, com muitas e adornadas igrejas, com um casario pequeno e pouco vistoso de 2 ou 3 andares, com um número prodigioso de conventos e, sobretudo, com arredores pitorescos e férteis.⁸

Além disso, os contornos desta narrativa sobre o Brasil construída até 1808 delimitam a colônia portuguesa como um território de extremos: de um lado, encontra-se a natureza, exuberante e maravilhosa, composta por uma vegetação de verde aguçado, por um conjunto de rios que provém farta quantidade de água doce, por um solo abundantemente fértil e por um clima que, apesar de quente, era considerado menos exigente que o da Europa; do outro lado, entretanto, encontra-se o colono, marcado pela preguiça, ignorância, ciúme, desonestidade, vaidade e libidinosidade, cujas características seriam um empecilho às potencialidades do território. Soma-se a esta imagem, referente aos colonos culturalmente brancos,⁹ a grande quantidade de escravos que transitavam pelas cidades, quase sempre consideradas medíocres e acanhadas, e que conferiam um aspecto ainda mais bárbaro ao cotidiano da Colônia.¹⁰

No entanto, após o desembarque da corte, aquele padrão de brevidade das narrativas altera-se durante o século XIX, em decorrência da maior liberdade que os viajantes passaram a ter após a abertura dos portos: com a suspensão das leis que proibiam a presença estrangeira, os europeus puderam desembarcar sem grandes problemas, permanecendo por um tempo maior em terras tropicais. Isso porque, como assinala Karen Macknow Lisboa, "com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, em 1808, não só os portos se abriram para as 'nações amigas', mas também as portas para a entrada de estrangeiros".¹¹ Ficando mais tempo no Brasil, os estrangeiros puderam descrevê-lo mais detalhadamente, compondo relatos mais longos sobre suas impressões no Novo Mundo; como afirma Sérgio Buarque de Holanda:

[...] a curiosidade tão longamente sofreada pode agora expandir-se sem estorvo e, não poucas vezes, com o solícito amparo das autoridades. Nesses poucos anos foi como se o Brasil tivesse amanhecido de novo aos olhos dos forasteiros, cheio da graça milagrosa e das soberbas promessas com que se exibira aos seus mais antigos visitantes.¹²

14

FALCÓN, Francisco; MATTOS, Ilmar Rohloff de. "O processo de independência no Rio de Janeiro". In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). 1822: Dimensões. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 304-305.

15

MOTA, Carlos Guilherme. "Europeus no Brasil à época da Independência: um estudo". In: *Ibidem*, p. 60.

16

MARTINS, Luciana de Lima. O Rio de Janeiro dos viajantes, p. 12.

17

MINDLIN, José. "Viajantes no Brasil: viagem em torno de meus livros". In: *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991, p. 35.

18

MARTINS, Luciana de Lima. *Op. cit.*, p. 23.

19

TORRÃO FILHO, Almicar. A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845). 2008. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008, p. 42.

20 LISBOA, Karen Macknow. A nova Atlântida de Spix e Martius, p. 47.

Este "novo descobrimento" promovido pelos "forasteiros" a que Sérgio Buarque se refere foi facilitado por uma das primeiras medidas tomadas por Dom João após o desembarque: além da abertura dos portos, o monarca incentivou a entrada de estrangeiros no Brasil ao conceder-lhes o direito a datas de terras, assim como era conferido aos súditos portugueses.¹³ Para além de tais incentivos, o fato é que a abertura dos portos e a suspensão das leis que proibiam a permanência de estrangeiros em seu território fizeram com que o mundo exterior voltasse sua atenção para o Brasil e internacionalizasse seu território.¹⁴ Com o aumento das transações comerciais e a invasão do mercado por produtos e comerciantes estrangeiros, principalmente os ingleses, cresceu também, em vários outros níveis, o intercâmbio com o restante do mundo: o Brasil foi invadido não só por comerciantes, mas também foi explorado, por todos os cantos, por artistas e cientistas à procura de novos elementos para suas obras e teorias, bem como por visitantes de todo tipo e de diferentes nacionalidades, motivados pela possibilidade de conhecer uma realidade idealizada com ares de exotismo.¹⁵ Os estrangeiros também vieram ao Brasil como integrantes de expedições destinadas a descortinar o território e como participantes de viagens ao redor do mundo, que conjugavam interesses comerciais, científicos e colonialistas com motivações teológicas, morais e estéticas.¹⁶ Assim, o que se verifica é que foram diversos os motivos que trouxeram os visitantes para os trópicos: alguns vieram por curiosidade, outros a negócio; há os que aqui permaneceram por períodos mais ou menos longos, como cientistas, piratas, aventureiros, artistas, missionários, políticos, diplomatas, militares, mercenários, naturalistas, comerciantes e aqueles que apenas passaram pelo Brasil a caminho do Oriente ou da África, publicando, depois, em suas terras de origem, o que encontraram de notável ou de exótico.¹⁷

Refletindo sobre as obras desses estrangeiros que visitaram o Brasil na primeira metade do século XIX, Luciana de Lima Martins aponta que quem transforma a cena presenciada em paisagem - entendida como objeto passível de descrição - é o próprio observador, que seleciona, ilumina e sombreia os elementos que a compõem, conferindo-lhe sentido. Em vista disso, a autora afirma que o ato de atribuir sentido ao descrever, tanto na forma de palavras como pela iconografia, "pode ser, ele próprio, entendido como um processo de transculturação, e não, meramente, como uma tradução de experiências de campo".¹⁸ Nesse sentido, o encontro com o desconhecido Novo Mundo e a consequente construção dessa paisagem pelos europeus na literatura de viagem se dá por meio de um contínuo processo de transculturação, em que se transformam e se ressignificam ambos os povos. A atribuição de sentidos, conseqüentemente, parte do princípio de que a percepção do desconhecido, da alteridade, do outro pressupõe a existência do conhecido, do próprio, do eu como ponto de referência. Assim, o empenho europeu em explorar outros mundos, sobretudo a partir do século XVIII com as viagens e expedições científicas, que se intensificaram no decorrer do Oitocentos, seria fruto de uma consciência de que o entendimento sobre si demandaria a

compreensão do outro, ou seja, que a formação de sua identidade derivaria da alteridade no encontro com outros povos.¹⁹ Segundo Karen Macknow Lisboa:

21

PAGDEN, Anthony. *European Encounters with the New World: from Renaissance to Romanticism*. New Heaven/London: Yale University Press, 1993, p. 21. Tradução nossa.

[...] o relato do viajante, apesar de estruturar-se em torno da observação de uma cultura declarada estrangeira, acaba por oferecer amplas evidências da cultura de origem. [...] Portanto, ao mesmo tempo em que o viajante fala do lugar visitado, reelabora o seu próprio lugar de origem, permanecendo em constante diálogo com as suas referências, que podem ser revistas, negadas ou reiteradas. A narrativa sobre o "outro" também é, afinal, a narrativa sobre "si mesmo".²⁰

22

Ibidem, p. 26. Tradução nossa.

É o que destaca Anthony Pagden, em *European encounters with the New World*, ao analisar as consequências intelectuais e na sensibilidade europeia resultantes do encontro com as Américas. A partir do que Pagden denomina de "principle of attachment" o autor afirma que "o que é familiar [...] é empregado para 'vincular' uma ação desconhecida à outra familiar". Ainda segundo o autor, "o que se segue a partir de um ato de vinculação é um ato de reconhecimento".²¹ Daí, ao refletir sobre a viagem do naturalista Alexander von Humboldt às Américas, entre 1799 e 1804, Anthony Pagden afirmar que "os nossos olhos e nossa compreensão científica movem-se do conhecido para o desconhecido, não o contrário. Tendo feito o vínculo, nomeamos o desconhecido devido ao conhecido". No caso de Humboldt, Pagden assevera que ele identifica imediatamente que as rochas da costa venezuelana são reconhecidamente as mesmas de sua terra natal. Humboldt, então, "vincula à inteiramente desconhecida vegetação nomes familiares".²² Desse modo, o Rio de Janeiro na literatura de viagem deve ser compreendido dentro de uma dinâmica em que o entendimento dos europeus sobre o Novo Mundo está diretamente entrelaçado com a imagem que, concomitantemente, constroem sobre si próprios e sobre suas terras de origem.

23

TORRÃO FILHO, Almicar. *A arquitetura da alteridade*, p. 43.

A literatura de viagem, em vista disso, não refletiria ou descreveria apenas a diversidade, mas procuraria codificá-la a ponto de torná-la inteligível ao aproximar o outro do mundo europeu. Muito mais do que se fixando nas características distintivas das diferenças, o viajante conseguiria dar inteligibilidade à alteridade ao descrever o diferente de modo parecido de si próprio, seja por meio de comparações, metáforas ou alegorias. Assim, a alteridade passa a ser traduzida, reorganizada e adaptada de acordo com as especificidades do mundo do viajante.²³ O que quer dizer que as descrições do Rio de Janeiro nas narrativas destes viajantes, além de formular uma ideia sobre o Novo Mundo, referem-se também, e muito, ao próprio território europeu, construindo, concomitantemente, a imagem que os estrangeiros faziam da Velha Europa. Assim, do objetivo de analisar o Rio de Janeiro na literatura de viagem oitocentista deriva também, em certo sentido, uma reflexão acerca da construção da própria Europa nestes escritos.

24

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 17.

Malgrado as experiências vivenciadas em suas terras de origem, experiências que guiavam o olhar dos estrangeiros ao atribuir sentidos

25

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 114.

26
LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Op. cit., p. 10.

27
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. A construção do Brasil na literatura de viagem nos séculos XVI, XVII e XVIII, p. 45.

28
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. A construção do Brasil na literatura de viagem nos séculos XVI, XVII e XVIII, p. 85-86.

29
LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Livros de viagem, p. 21-22.

30
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Op. cit., p. 286.

ao Novo Mundo, os viajantes se viam como observadores atentos da realidade local, aqueles que deveriam exercitar a arte de pensá-la desprendendo-se de seu mundo imaginário e dirigindo sua atenção ao mundo do outro que ali se encontrava. No entanto, faziam isso a partir de um planejamento, de objetivos e de etapas, que deveriam ser sistematizados em uma memória final.²⁴ De acordo com Flora Süssekind, “nesses relatos, o olhar que habitualmente se deseja imparcial, desapaixonado, à espera do que vier, [...] se converte, desde o início das expedições, em observação interessada, com itinerário, objetivos e modos de ver sabidos de cor”²⁵

Os visitantes, na qualidade de estrangeiros, como não faziam parte do grupo social visitado, talvez tivessem mais condições de visualizar as contradições e incoerências da vida cotidiana do que um habitante local, que as tomava como algo natural e, por isso mesmo, tinha mais dificuldades em percebê-las. Como aponta a pesquisadora Miriam Lifchitz Moreira Leite, “por ser alguém que é ‘de fora’ e está ali ‘de passagem’, sem intenção de ser aceito pelo grupo e com o objetivo de relatar a seus conterrâneos o que conseguiu perceber, o viajante torna-se um observador alerta e privilegiado do grupo visitado”²⁶

Entre os livros de viagem, alguns são correspondências enviadas à família ou aos amigos; outros são diários de viagem, sem que houvesse a intenção de uma posterior publicação ou que se tornariam base para a narrativa que seria escrita sobre a viagem; encontram-se, também, memórias, guias comerciais e turísticos, relatórios científicos e álbuns de desenhos e gravuras. Pode-se dizer, certamente, que esta literatura de viagem dialogava com o público leitor do Velho Mundo; mais que isso, foi fonte primordial para a formulação do vocabulário sobre a América e para a reformulação do que a própria Europa dizia de si mesma.²⁷ Tais narrativas tornaram-se um dos principais responsáveis no processo de construção da América no imaginário do continente europeu, uma vez que, a partir de meados do século XVI e início do XVII, aumentou exponencialmente a produção e publicação de livros de viagem em diversas línguas europeias, relatos estes que encontraram um público cada vez mais receptivo, ansioso por informações do ainda incógnito Novo Mundo. As relações de viagem tornaram-se, inclusive, bastante estimadas pelos intelectuais europeus, que passaram a difundir, em seus escritos, ideias extraídas da literatura de viagem.²⁸

Além do público europeu, os relatos também ganharam leitores, principalmente durante o século XIX, entre os próprios brasileiros. Circulando na imprensa e entre os homens letrados, que tinham as narrativas em alta estima, os livros de viagem funcionaram - primeiramente em relação à Europa, mas depois em relação ao Brasil - como um veículo educativo e de difusão cultural.²⁹ No Brasil, cabe lembrar:

[...] o quanto aquele contraponto, demarcado nas xenonarrativas, entre a natureza exuberante e pródiga dos trópicos e a baixa qualidade dos seus habitantes marcou, profunda e persistentemente, a imagem que os brasileiros, a partir das primeiras décadas do século XIX, passaram a construir de si próprios e do seu país. Lembrar-lhe, ainda, que tais “imagens do Brasil” que vimos antes, imagens pouco edificantes, podem ser encontradas por aqui, contemporaneamente, um pouco por todo lado, por vezes com os sinais

31

A noção de discurso aqui empregada ampara-se num arcabouço teórico suscitado pelas reflexões do filósofo francês Michel Foucault, que entende o discurso, grosso modo, como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 55.

32

Aqui cabe um esclarecimento metodológico ao leitor: deixar as citações “falarem por si próprias” não quer dizer que os documentos tenham sido utilizados de maneira acrítica. Ao contrário, a seleção, o recorte e a organização dos inúmeros depoimentos de época são frutos de um criterioso labor metodológico, cujo objetivo é reconstituir – ainda que parcialmente – e interrogar o que os viajantes estrangeiros, afinal, tinham a dizer sobre os acontecimentos em que estavam envolvidos. Trata-se de uma opção metodológica bastante específica, que teve como resultado a escolha por uma exaustiva descrição da paisagem pintada por estes visitantes, ainda que tal descrição possa aparentar ter sido realizada sem crítica ou interpretações, uma vez que as citações da documentação quase sempre não são acompanhadas por uma análise subsequente. Cabe alertar, no entanto, que a crítica à documentação e as interpretações e análises decorrentes realizam-se no modo como organizo a documentação no decorrer do texto, ou seja, na ordem e na escolha do que apresentar e de como apresentar ao leitor.

33

O que ainda quer dizer que procurei analisar as relações de viagem não como uma série de informações que, devidamente interpretadas pelo historiador, possibilitariam reconstruir, tanto em plenitude como em fidelidade, os aspectos da época a que se referem. Isso porque acredito em uma história parcial e lacunar, em que seria possível apenas avaliar, através do corpus documental selecionado – as narrativas de viagem –, uma pequena parcela do que ainda podemos saber sobre como determinados grupos – no caso, o dos viajantes estrangeiros – construíram a realidade para si próprios. VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*; Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 26-27.

34

WILCKEN, Patrick. *Império à deriva: a corte portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p. 198.

35

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino*, p. 8-9.

36

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem*, p. 15.

37

MINDLIN, José. “Viajantes no Brasil: viagem em torno de meus livros”. In: *Revista de Estudos Históricos*, p. 48.

invertidos – o negativo das narrativas, lido como positividade –, como na obra de Oswald de Andrade, por vezes com laivos de exotismo ingênuo, como nos romances de Jorge Amado, por vezes, ainda, como índices de uma sociedade singular, como nos afamados estudos de Gilberto Freyre. Em suma, lembrar-lhe como a própria cultura brasileira ainda está impregnada dessas imagens, ou melhor, dessas “verdades” lentamente construídas pelos europeus nas outrora popularíssimas narrativas de viagem, e que também as ações e as expectativas dos brasileiros em relação a si próprios e ao país ressentem-se até hoje do seu poder.³⁰

Nesse sentido, o objetivo aqui é descrever a imagem do Rio de Janeiro e de sua população construída pelos viajantes estrangeiros na literatura de viagem produzida durante o século XIX, especificamente em relação às supostas transformações europeizantes que teriam ou não se realizado na cidade após a chegada de Dom João. No entanto, ao restituir a voz a estes indivíduos – ainda que bastante parcialmente –, é preciso que o leitor tenha em mente que não procuro investigar qualquer possibilidade de verossimilhança dos acontecimentos e ideias narrados, no sentido de quais transformações foram efetivamente sentidas no Rio de Janeiro, ou sequer reconstituir a visão de um suposto observador ideal – os viajantes estrangeiros. Minha intenção aqui certamente é outra: o que proponho é descrever a produção de uma visão de mundo com pretensão de legítima, elaborada por um conjunto significativo de indivíduos que passaram pelo Rio de Janeiro, ou seja, mapear um discurso³¹ que se pretendeu verdadeiro num jogo social disputado com outra série de discursos – por vezes semelhantes, por vezes diferentes. Para isso, procurei deixar as citações “falarem por si próprias”;³² ou seja, procurei restituir a voz a estes indivíduos a partir da crença de que o documento é capaz de mostrar como uma determinada época definiu socialmente o que era ou não verdadeiro para si.³³

Os viajantes, como já dito, impulsionados pela suspensão das leis que coíbiam sua presença, começaram a desembarcar com maior facilidade e a permanecer por um tempo mais longo em terras brasileiras, passando a descrever minuciosamente o Rio de Janeiro. Houve uma espécie de inundação de estrangeiros no Brasil: os viajantes chegavam a passar semanas, meses e, às vezes, anos nas cidades brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro, que rapidamente crescia em importância no cenário internacional.³⁴ Assim, com o aumento do número de visitantes e do tempo de suas estadas no Novo Mundo, inicia-se um período de publicações de obras com extensas descrições do país, muito mais ricas em detalhes. Na verdade, tal mudança no formato das relações de viagem, de breves para mais longas, deve ser percebida como um processo de convívio entre ambos os tipos, e não apenas como uma ruptura imediata entre o padrão dos relatos do período colonial e as descrições mais vastas.³⁵ Ao lado destes modelos longos e detalhados de narrativas que ganharam espaço no Oitocentos, conviveram ainda narrativas curtas, fruto de rápidas passagens pelo Brasil e que, quase sempre, mantiveram as mesmas tópicos dos relatos publicados antes da transferência de Dom João, a saber: a exuberância da paisagem natural, a deficiência dos contornos urbanos e a má qualidade dos colonos. Todavia, malgrado essas diferenças formais, todos os viajantes preocupam-se

38

Cf. LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

39

Cf. WIED-NEUWIED, Maximiliano de. Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

40

Cf. DENIS, Ferdinand. Brasil.

41

Cf. SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelo distrito dos Diamantes e litoral do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

42

Cf. DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. São Paulo: Martins, 1972, 3 v.

43

Cf. SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Viagem pelo Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1976, 3 v.

44

Cf. GRAHAM, Maria. Diário de uma viagem ao Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

45

Cf. RUGENDAS, Johann Moritz. Viagem pitoresca através do Brasil. São Paulo: Martins, 1976.

46

Cf. WALSH, Robert. Notices of Brazil in 1828 and 1829. London: Frederick Westley and A.H. Davis, Stationers' Hall Court, v. 1, 1830.

47

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, p. 37.

48

WIED-NEUWIED, Maximiliano de. Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817, p. 23.

49

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Viagem pelo Brasil, v. 1, 1976, p. 41-42.

50

DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, v. 3, 1972, p. 4.

em descrever o Brasil, observando a fauna, a flora e a vida social, tanto rural como urbana, e refletindo, por comparação com suas terras de origem, sobre o cotidiano do grupo visitado.³⁶

Se durante os três primeiros séculos de colonização a temática comum das narrativas sobre o Rio de Janeiro foi, de um lado, a prodigalidade do cenário natural, prodigalidade que contrastava, por outro lado, com a precariedade da paisagem urbana e a decadência do colono, o século XIX inaugurou um novo padrão descritivo construído nos livros de viagem, que passou a exaltar a europeização da cidade a partir do momento em que ela passou a abrigar o príncipe Dom João e sua corte. Estas relações de viagem foram elaboradas por visitantes “apologistas”³⁷, que, quase sempre, também foram aqueles que permaneceram por mais tempo no Brasil e, por isso mesmo, construíram longos e minuciosos relatos sobre os anos em que estiveram sob o sol tropical. Entre eles, destacam-se John Luccock (1808-1818),³⁸ Maximiliano de Wied-Neuwied (1815-1817),³⁹ Ferdinand Denis (1816-1821),⁴⁰ Auguste de Saint-Hilaire (1816-1822),⁴¹ Jean Baptiste Debret (1816-1831),⁴² Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius (1817-1820),⁴³ Maria Graham (1821-1823),⁴⁴ Johann Moritz Rugendas (1821-1824)⁴⁵ e Robert Walsh (1828-1829).⁴⁶ Todos descreveram um Brasil, e especificamente a cidade do Rio de Janeiro, como um território que se europeizava a partir da chegada da corte portuguesa, como uma “Paris dos trópicos”, tal qual se dizia na época.

O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, em 1816, escreve: “próximo ao Rio de Janeiro podemos julgar nos arredores de uma das maiores cidades da Europa”.⁴⁷ Um ano antes, em 1815, o Príncipe Maximiliano afirmava:

[...] cerca de vinte mil europeus, vindos de Portugal com o rei, se estabeleceram na cidade, daí naturalmente resultando que os costumes do Brasil se modificaram pelos da Europa. Melhoramentos de todo o gênero foram realizados na capital. Ela muito perdeu de sua originalidade, tornando-se hoje mais parecida com as cidades européias.⁴⁸

Um pouco mais tarde, os visitantes “apologistas” Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius constroem, em seus escritos, a imagem de um Rio de Janeiro que se modernizava a partir da chegada da família real:

[...] quem chega convencido de encontrar esta parte do mundo descoberta só desde três séculos, com a natureza inteiramente rude, violenta e invicta, poder-se-ia julgar, ao menos aqui na capital do Brasil, fora dela; tanto fez a influência da civilização e cultura da velha e educada Europa para remover deste ponto da colônia os característicos da selvageria americana, e dar-lhe cunho de civilização avançada. Língua, costumes, arquitetura e afluxo dos produtos da indústria de todas as partes do mundo dão à praça do Rio de Janeiro aspecto europeu.⁴⁹

O visitante francês Jean Baptiste Debret, que permaneceu no Brasil por quinze anos, também ressalta um território em que “a presença da Corte provocou grandes melhoramentos”.⁵⁰

Entretanto, apontar que os viajantes “apologistas” apresentaram um Rio de Janeiro que caminhava rumo à civilização não quer

51
MAWE, John. Viagens ao interior do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978, p. 82.

52
Ibidem, p. 86.

53
LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil, p. 90.

54
LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil, p. 381-382.

55
MINDLIN, José. "Viajantes no Brasil: viagem em torno de meus livros". In: Revista de Estudos Históricos, p. 48.

56
LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil, p. 24-25.

57
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, p. 104-105.

necessariamente dizer que muitos aspectos exóticos e nada parecidos com os padrões de modernização de cidades como Paris e Londres, então epicentros europeus de civilização, deixaram de ser destacados em suas narrativas sobre a capital do Brasil. Ao contrário, estas referências também são frequentes, como no caso do relato de John Mawe, que viveu no Brasil entre 1807 e 1811. Mawe afirma que, "em consequência de sua situação baixa e da imundice das ruas, o Rio de Janeiro não pode ser considerado saudável"⁵¹ Apesar desta visão do atraso do Rio de Janeiro, o aventureiro também acrescenta que algumas melhorias estavam sendo realizadas, destacando que:

[...] desde a chegada da corte, foram adotadas medidas para efetuar uma reforma completa nos seminários e outras instituições de instrução pública; e que o príncipe regente, na sua solicitude pelo bem estar de seus súditos, zelosamente patrocinou todos os empreendimentos, para neles desenvolver o gosto pelos conhecimentos úteis.⁵²

O comerciante inglês John Luccock, durante os anos em que esteve no Brasil, entre 1808 e 1818, registrou que:

[...] não é de estranhar que haja estrangeiros que, movidos pelo testemunho irrecusável de seus sentidos diferentes, considerem o Rio como o mais imundo dos ajuntamentos de seres humanos debaixo do céu. Não é de admirar que eles temam que [...] venha a se tornar um centro de pestilência.⁵³

No entanto, o mesmo Luccock também destaca "a sabedoria do governo em mudar-se de Portugal para o Brasil [...]. A transformação, conforme reiteradamente já o dissemos, trouxe um maravilhoso efeito sobre o Brasil".⁵⁴

Do mesmo modo que é possível identificar os visitantes "apologistas" como aqueles que, normalmente, permaneceram por longo tempo no Brasil e escreveram livros de viagem mais extensos sobre o Rio de Janeiro, também é possível detectar certo padrão descritivo naquelas narrativas mais breves sobre a cidade fluminense: na maioria das vezes, realçam uma urbe de aspectos predominantemente exóticos, atrasados e acanhados, estendendo ao século XIX as tópicos dos relatos escritos durante o período colonial. Assim, durante o Oitocentos, duas perspectivas sobre o Rio de Janeiro foram construídas por dois tipos de viajantes que aqui conviveram: de um lado, os "apologistas", cujas descrições, fruto de uma extensa observação praticada durante anos em território brasileiro, apresentavam em detalhes uma cidade em constante progresso e civilização; de outro lado, os viajantes "críticos", que, após uma rápida passagem pelo Novo Mundo, descreviam, em poucas linhas, um Rio de Janeiro atrelado ao mundo da desordem e da barbárie.⁵⁵ Contudo, os viajantes "apologistas" visitaram o Brasil, na primeira metade do Oitocentos, em menor número que os "críticos" e, conseqüentemente, legaram uma quantidade menor de narrativas de viagem. Mesmo assim, os visitantes "apologistas", como aqueles mencionados anteriormente, são os autores dos relatos mais citados pela historiografia que estuda o período, além de possuírem a maior quantidade de traduções e edições de suas obras em língua portuguesa.

58

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelo distrito dos Diamantes e litoral do Brasil, p. 125.

59

KIDDER, Daniel Parish. Reminiscências de viagens e permanências no Brasil, compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. São Paulo: Martins, v. 2, 1972, p. 3.

60

LUCCOCK, John. Op. cit., p. 177.

61

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Op. cit., p. 104.

62

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, p. 106.

63

GARDNER, George. Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p. 20.

64

ADALBERTO, Príncipe da Prússia. Brasil: Amazônia-Xingu. Brasília: Senado Federal, 2002, p. 19.

65

CONDER, Josiah. The modern traveller. A popular description, geographical, historical, and topographical, of the various countries of the globe. Brazil and Buenos Aires. London: Printed for James Duncan; Oliver and Boyd, Edinburgh; M. Ogle, Glasgow; and R. M. Tims, Dublin, 1825, vol. 1, p. 100. Tradução nossa.

Mas mesmo entre estes dois modelos descritivos de narrativas, cujas características da cidade conflitam entre si, uma imagem mantém-se inabalada desde a publicação do primeiro relato de viagem após a passagem de Cabral: a beleza do cenário natural dos trópicos. Pela pena de praticamente todo e qualquer estrangeiro que se dedicou a escrever sobre o Brasil, a paisagem natural brasileira é o primeiro objeto de instigação, sendo apresentada como encantadora, magnífica e majestosa, composta por uma vegetação exuberante, selvagem e maravilhosa. É o que afirma o visitante inglês John Luccock em 1808, ocasião em que direcionava seu olhar pela primeira vez para a baía de Guanabara:

[...] a medida em que o Pão de Açúcar se afasta para o norte do navio, a garganta se abre, e através dela se divisa a calma imensidão daquilo que, em geral, é considerado como a baía mais bela do mundo. [...] Mas é em vão que se tenta descrever; não pode a pena imitar o lápis, nem o lápis a natureza, em cenários tais como esse. Acham, contudo, os juízes competentes, que eles formam um panorama de magnificência e beleza quase sem par.⁵⁶

As belezas do mundo natural seriam tamanhas que descrevê-las não era considerado tarefa muito fácil. O médico Clarke Abel, que esteve no Rio de Janeiro em 1816, também relata, tal como Luccock, a impossibilidade do lápis de imitar a natureza: “mesmo o pincel de um apaixonado e talentoso pintor não conseguiria transmitir àqueles que nunca viram com os próprios olhos a grandeza do lugar”.⁵⁷ O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire descreve, com o mesmo prazer e admiração, sua entrada no porto, em 17 de março de 1818, quando retornava de uma estada em Minas Gerais:

[...] após uma viagem de 15 meses, tive enfim a felicidade de rever o Rio de Janeiro; essa cidade, cuja posição será sempre para o estrangeiro objeto da mais viva admiração, e cujo porto, para me valer das expressões de Southey, é um dos mais vastos, dos mais cômodos e dos mais belos do mundo.⁵⁸

Em 1837, Daniel Parish Kidder reitera a grandiosidade da natureza, apontando a generosidade do Criador com o solo brasileiro, outro tema constante nas narrativas:

[...] a primeira vez que se entra num porto como o do Rio de Janeiro, marca, sem dúvida, uma nova época em nossa existência; pois, é preciso que se seja muito pouco apreciador da natureza para que daí por diante não se passe a render homenagem à beleza e à diversidade da Criação, bem como às mais altas manifestações do poder e da grandeza do Criador.⁵⁹

A admiração e o encantamento pela natureza correspondem à novidade da paisagem aos olhos dos aventureiros, uma vez que as belezas tropicais são descritas como jamais vistas e incomparáveis à paisagem europeia.⁶⁰ Do mesmo modo, a expectativa pelo encontro com as terras sul-americanas perpassa todo o imaginário dos viajantes, que projetam no desconhecido território tropical imagens de um mundo exótico. Clarke Abel, a propósito, assinala: “encontrávamos em frente a Cabo Frio, e todos aqueles que nunca tinham estado em um porto da América do Sul se puseram a imaginar o que iriam encontrar no Novo Mundo”.⁶¹ Abel ainda conclui dizendo que “ao

66

KOTZEBUE, Otto von. *A new voyage round the world, in the years 1823, 24, 25 and 26*. London: Henry Colburn and Richard Bentley, New Burlington Street, v. 1, 1830, p. 33. Tradução nossa.

67

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino*, p. 60-61.

68

WIED-NEUWIED, Maximiliano de. *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*, p. 19.

69

ARAGO, Jacques Étienne Victor. *Narrative of a voyage round the world, in the Uranie and Physicienne corvettes, commanded by Captain Freycinet, during the years 1817, 1818, 1819 and 1820; on a scientific expedition undertaken by order of the French Government*. London: Treuttel and Wruetz, Treuttel, Jun. and Richter, 30, Soho-Square, 1823, p. 55. Tradução nossa.

70

SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é: uma vez e nunca mais*. Contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2000, p. 26.

71

SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é*, p. 27.

72

WIED-NEUWIED, Maximiliano de. *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*, p. 23.

adentrar no porto do Rio de Janeiro, [o viajante] experimenta um inenarrável prazer, pois observa que não há nenhuma possibilidade de suas expectativas serem contrariadas.⁶²

Entretanto, não é somente em comparação com a Europa que as paisagens brasileiras seriam mais belas e admiráveis. É o que relata o naturalista escocês George Gardner, que viveu no Brasil entre 1836 e 1841:

[...] impossível exprimir os sentimentos que dominam o observador enquanto os seus olhos contemplam o cenário belamente variado que se apresenta à entrada do porto, cenário talvez sem rival na face da terra, e em que a natureza parece ter esgotado todas as suas energias. Tenho visitado desde então muitos lugares famosos pela beleza e magnificência, mas nenhum deles me deixou na mente igual impressão.⁶³

O Príncipe Adalberto da Prússia complementa, em 1842, o que Gardner afirmara alguns anos antes acerca da incomparável magnificência da baía:

[...] nem mesmo Constantinopla me extasiou como a primeira impressão do Rio de Janeiro! Nem Nápoles, nem Istambul nem qualquer outro lugar da Terra que conheço, nem mesmo o Alhambra, podem medir-se em mágico e fantástico encanto com a entrada da baía do Rio de Janeiro! Desvendam-se sob nossos olhos maravilhas, que não imaginávamos que houvesse sobre a Terra. Agora era-nos claro por que outrora os descobridores destas terras lhes deram o nome de "Novo Mundo!"⁶⁴

A beleza natural do Rio de Janeiro, imagem pela qual os aventureiros europeus e norte-americanos demonstraram-se plenamente apaixonados, "é representada por todos os viajantes como sendo extremamente pitoresca"⁶⁵ Afinal, como narra Otto von Kotzebue, em 1823, "bonito como sempre este país parece ao olhar de um europeu, talvez não tenha nenhuma cena tão impressionantemente esplêndida e pitoresca como a que se apresenta dentro desta baía"⁶⁶ Ao entrar na baía do Rio de Janeiro, em 16 de outubro de 1812, o cirurgião inglês James Prior também descreve o pitoresco da paisagem natural:

[...] é somente depois de ultrapassar este ponto que a bela paisagem local se mostra toda ao olhar do visitante: uma enorme extensão de água, salpicada aqui e ali com braços que parecem rios, grupos de ilhas verdejantes, montanhas de variadas formas e vales capazes de encantar a imaginação mais exigente, compondo um cenário de belezas variadas e pitorescas.⁶⁷

Tal como Prior e tantos outros visitantes europeus, o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied relata o pitoresco da natureza assim que avista a baía carioca pela primeira vez, em 1815:

[...] estávamos perto da barra que conduz à real cidade do Rio de Janeiro; uma porção de pequenas ilhas, algumas surpreendendo pelas suas formas estranhas, erguem-se ali da superfície das águas, unindo-se à massa das montanhas ao longe, o que constitui uma perspectiva muito pitoresca.⁶⁸

As cadeias montanhosas são frequentemente um dos pontos de

73

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. A construção do Brasil na literatura de viagem nos séculos XVI, XVII e XVIII, p. 242.

74

Idem. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, p. 61.

75

ROBERTSON, John Parish; ROBERTSON, William Parish. Letters on Paraguay: comprising an account of a four years' residence in that republic, under the government of the dictator Francia. London: John Murray, Albemarle Street, v. 1, 1838, p. 170. Tradução nossa.

76

POHL, Johann Emanuel. Viagem no interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 à 1821 e publicada por ordem de sua majestade o imperador da Áustria Francisco Primeiro. Rio de Janeiro: INL, v. 1, 1951, p. 76.

77

TEMPLE, Edmond. Travels in various parts of Peru, including a year's residence in Potosi. London: Henry Colburn and Richard Bentley, New Burlington Street, v. 2, 1830, p. 502. Tradução nossa.

78

GARDNER, George. Viagem ao interior do Brasil, p. 20.

79

Conder publicou seu relato em 1824, a partir da compilação de narrativas de outros viajantes.

80

CONDER, Josiah. The modern traveller, v. 1, 1825, p. 102. Tradução nossa.

maior admiração por parte dos viajantes. O francês Jacques Étienne Victor Arago, que desembarcou no Rio de Janeiro em 6 de dezembro de 1817, destaca que “o Pão de Açúcar, um gigante enorme, forma, com a sua nudez, um contraste admirável com o rico cenário das montanhas vizinhas”.⁶⁹ A serra dos Órgãos também foi outro local que chamou a atenção dos europeus, como aponta Carl Schlichthorst, que esteve no Brasil entre 1824 e 1826, dizendo que tal serra “ergue-se em formas fantásticas, com ilhas verdejantes a seus pés”.⁷⁰

Mas como afirma o mesmo Schlichthorst, a beleza da natureza não tinha como finalidade apenas servir para admiração e contemplação por parte daqueles privilegiados que tivessem a oportunidade de observá-la, mas também encantava pelas comodidades que proporcionava aos moradores de São Sebastião:

[...] penso não existir no mundo outro lugar onde a natureza tão bem se adapte às necessidades duma densa população como aqui. Vasto porto protegido das tempestades por alta moldura de montanhas; a mudança regular dos ventos, que torna a entrada dos navios fácil e sem perigos; rochedos de granito no meio da cidade, formando excelente e inesgotável tesouro de material de construção; abundância de água cristalina, descendo das serras próximas para os vales, pelos quais a cidade serpenteia com seus braços gigantescos; e esses montes cobertos de matas virgens, que asseguram farta provisão de lenha para séculos, tendo de permeio campos tão férteis e com tal força de produção do solo que os produtos comuns das hortas européias podem ser semeados e colhidos seis a oito vezes por ano.⁷¹

Para a maior parte das narrativas de viagem da primeira metade do Oitocentos, compostas pelos citados viajantes “críticos”, a perfeição do mundo natural que circundava São Sebastião não se estendia à cidade construída pelos homens. Com exceção daquelas descrições “apologistas” que se referem aos “melhoramentos de todo o gênero [que] foram realizados na capital”,⁷² o Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX foi descrito pelos viajantes como um território de características bastante similares às do Rio de Janeiro colonial, ou seja, uma urbe de contornos bastante precários, o que fazia com que “para o europeu, a intervenção que o colono estava promovendo na natureza dos trópicos, intervenção modesta e medíocre, interessava menos do que a grandiosa obra que a natureza realizara sozinha”.⁷³ O que quer dizer que, aos olhos dos estrangeiros, a cidade jamais seria comparável às belezas naturais da região; constituía, sim, ao contrário, uma mancha desagradável em meio ao esplendor da paisagem tropical. É o que afirma James Prior durante sua visita ao Rio de Janeiro no ano de 1812, concluindo que “a natureza e os portugueses agiram de maneira oposta: tudo que aquela fez é exuberante e grandioso, enquanto as obras destes são pobres e mesquinhas”. Afirma ainda, o mesmo inglês, que o magnífico esboço da paisagem natural não poderia contar com pior acabamento citadino possível, mas que “por sorte, tal é o poder redentor do cenário natural, [...] das incontáveis paisagens românticas, [...] que acabamos por esquecer da negligência e do péssimo gosto para as obras de arte dos portugueses”.⁷⁴ Tal contraste entre o trabalho da natureza e o do homem foi assunto em diversas relações de viagem, como é o caso dos escritos de John Parish Robertson e William Parish Robertson, que desembarcaram no Rio de

Janeiro em outubro de 1808:

81
LEITHOLD, Theodor von; RANGO, Ludwig von. O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966, p. 26.

[...] eu não gostei nem do clima nem do povo daquele lugar, e eu logo descobri que toda fertilidade e beleza que a natureza tinha atribuído ao país seria o algo a mais necessário para contrabalançar as muitas inconveniências ligadas à inatrativa cidade e a seus insociáveis cidadãos.⁷⁵

82
LEITHOLD, Theodor von; RANGO, Ludwig von. O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819, p. 137.

Em 1817, Johann Emanuel Pohl também afirma que “o interior da cidade não corresponde à pitoresca impressão que causa o seu panorama. O estilo de construção das casas é uniforme, a pavimentação é má e a iluminação das ruas é pobre”.⁷⁶

83
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, p. 74.

Além de estabelecer o contraste entre a paisagem natural e a cidade, as impressões citadas logo acima já começam a apresentar os motivos do descontentamento com a urbe. No entanto, antes de detalhar tais razões, vejamos alguns outros depoimentos da mesma espécie que ajudarão a compor o quadro dos problemas apontados pelos viajantes. O primeiro deles, de 1826, saiu da pena do inglês Edmond Temple:

84
SCHLICHTHORST, Carl. O Rio de Janeiro como é, p. 27.

[...] o magnífico cenário deste nobre porto igualou totalmente tudo o que eu já tinha ouvido falar em seu louvor, e superou em muito qualquer impressão ou paisagem que possa ser representada. Ao desembarcar, no entanto, eu não estava muito surpreso em encontrar uma cidade ultramarina portuguesa mesquinha, suja, com maus hotéis e péssimas acomodações.⁷⁷

85
POHL, Johann Emanuel. Viagem no interior do Brasil, v. 1, 1951, p. 81.

Dez anos mais tarde, o escocês George Gardner complementou:

86
PFEIFFER, Ida Laura. A woman's journey round the world, from Vienna to Brazil, Chili, Tahiti, China, Hindostan, Persia, and Asia Minor. London: Printed by Petter, Duff, and Co. Playhouse Yard, Blackfriars, s/d, p. 24. Tradução nossa.

[...] vista de bordo pela manhã, apresentava a cidade um aspecto imponente por sua posição e pelas numerosas casas e igrejas caiadas de branco; mas, olhadas de perto, desvanecia-se a ilusão. As ruas estreitas e sórdidas, a cantiga de milhares de negros, as emanações dos armazéns de provisões, davam uma impressão que podia ser tudo, menos agradável.⁷⁸

87
CONDER, Josiah. The modern traveller, v. 1, 1825, p. 125-126. Tradução nossa.

Desse modo, como afirma Josiah Conder,⁷⁹ o que fica claro é que “muito mais tem sido feito em relação a esta bela porção do Novo Mundo pela natureza do que pelo homem”.⁸⁰

Entre os diversos motivos invocados pelos viajantes para compor a imagem de tão desprestigiada cidade, alguns deles enunciados ainda há pouco, encontra-se o clima tropical do Rio de Janeiro. O capitão de cavalaria Theodor von Leithold, em 1819, é categórico: “o calor é insuportável”.⁸¹ Seu sobrinho, o também prussiano Ludwig von Rango, que acompanhou Leithold em viagem ao Brasil, afirma, em carta de 15 de dezembro de 1819, que “o calor foi tão forte durante o dia que o passei numa espécie de aturdimento. A noite é um pouco melhor; mas não me foi dado gozar de um dia só que se pudesse dizer fresco. Vivo a transpirar e não conheço mais a satisfação de respirar uma aragem realmente reconfortante”.⁸²

88
CONDER, Josiah. The modern traveller, p. 126-127. Tradução nossa.

Já o tenente John Shillibeer, que passou pela cidade fluminense em março de 1816, destaca que o porto do Rio de Janeiro, se “não fosse o calor opressivo, seria considerado um dos melhores do mundo. Há, é verdade, uma brisa do mar, que começa a soprar por volta do meio-dia, suficiente para esfriar um pouco a atmosfera e tornar o calor mais suportável”.⁸³ Mas mesmo com essa “brisa que refresca o calor da

90

COLTON, Walter. Deck and port; or incidents of a cruise in the United States frigate Congress to California: with sketches of Rio de Janeiro, Valparaiso, Lima, Honolulu, and San Francisco. London: Partridge & Oakey, Paternoster Row, 1851, p. 118. Tradução nossa.

91

SCHLICHTHORST, Carl. O Rio de Janeiro como é, p. 45.

92

PFEIFFER, Ida Laura. A woman's journey round the world, p. 19. Tradução nossa.

93

ARAGO, Jacques Étienne Victor. Narrative of a voyage round the world, p. 54. Tradução nossa.

94

PFEIFFER, Ida Laura. A woman's journey round the world, p. 19. Tradução nossa.

95

EWBANK, Thomas. A vida no Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976, p. 163.

96

Bingley publicou sua narrativa em 1820, por meio da compilação de outros relatos de viagem.

97

BINGLEY, William. Travels in South America from modern writers, with remarks and observations; exhibiting a connected view of the geography and present state of that quarter of the globe. London: Printed for John Sharpe, at Haile's Juvenile Library, London Museum, Piccadilly by C. Whittingham, Chiswick, 1820, p. 309. Tradução nossa.

atmosfera”⁸⁴ como igualmente se referiu a ela Schlichthorst em 1824, os visitantes que vieram ao Rio de Janeiro constantemente enfatizaram os males causados pela alta nos termômetros. É o que conta Johann Emanuel Pohl, em 1817: “o calor, embora seja abrandado, aqui, pelos aguaceiros e pelos ventos, gera, entretanto, os mais variados estados mórbidos no corpo humano, como, por exemplo, frequentes dores de cabeça, inflamações no cérebro, nos ouvidos e no fígado, e insolação”⁸⁵. Reitera a mesma opinião a austríaca Ida Laura Pfeiffer, em 1846, ao enfatizar que achou “o clima e o ar extremamente opressivos”⁸⁶.

O clima de São Sebastião não era desagradável ao viajante apenas pelo elevado calor que os trópicos conferem. Outra característica constantemente referenciada pelos visitantes europeus e norte-americanos foi a excessiva umidade encontrada na atmosfera carioca: e era esta combinação da umidade com o calor, somada à localização da cidade, que resultaria em um clima extremamente insalubre; como afirma Josiah Conder:

[...] o Rio de Janeiro tem a reputação de ser uma das cidades mais insalubres do Brasil. [...] O clima é quente e úmido: as altas e densamente arborizadas montanhas, a estreita entrada da baía e as numerosas ilhas impedem a livre passagem do vento.⁸⁷

O mesmo inglês ainda complementa:

[...] entre as causas que foram consideradas para tomar o Rio por insalubre, estão a sua baixa localização, que fica pouco acima do nível do mar, e a imundície de suas ruas, enquanto as águas que descem das montanhas por detrás delas cercam-nas com pântanos estagnados. As planícies alagadiças à beira-mar difundem, durante a época da vazante, um fedor insuportável.⁸⁸

Em 1812, outro inglês, James Prior, apresenta um panorama geral das condições da insalubridade da urbe:

[...] o povo não vê e não pode ser visto: as casas são rodeadas por montanhas, chove impiedosa e copiosamente, o que torna as ruas imundas, o ar tem pouca circulação e os vapores impuros continuamente se acumulam sobre a cidade, na forma de uma nuvem de cor castanha. Há de se adicionar a tudo isso, o fato de o solo ser pantanoso e os habitantes frequentemente serem acometidos por febres intermitentes e remitentes.⁸⁹

O mapa da insalubridade do Rio de Janeiro, referenciado pelos viajantes, compõe-se, pois, dos seguintes pontos: calor, umidade, localização imprópria da cidade e acúmulo de águas e imundices em suas ruas e arredores.

O acúmulo de águas estagnadas nas vias cariocas, a propósito, é um dos pontos que mais preocupavam os viajantes. Walter Colton, que desembarcou no Rio de Janeiro em dezembro de 1845, discorre sobre uma ocasião em que se encontrava na Rua do Ouvidor “quando uma nuvem negra, descendo do pico do Corcovado, lançou-se para fora do lago, localizado em seu seio. A rua foi imediatamente preenchida com uma inundação tão profunda que seria suficiente para flutuar a canoa de uma família”⁹⁰.

De acordo com os estrangeiros, as inundações eram decorrentes,

entre outras razões, do fato de a cidade estar situada em “um espaço muito irregular”.⁹¹ Além da localização, a austríaca Ida Pfeiffer, em 1846, alerta para outro motivo das enxurradas que acometiam a urbe: “uma das coisas mais desagradáveis no Rio de Janeiro é a ausência total de esgotos. Numa chuva pesada, cada rua torna-se um fluxo regular que é impossível passar a pé”.⁹² Tal dificuldade de transitar pelas ruas devido às enchentes é constantemente referenciada pelos aventureiros europeus em suas narrativas, assim como também são mencionadas algumas maneiras de contornar tal empecilho. Eis o que descreve Jacques Arago, em 1817:

98

EWBANK, Thomas. A vida no Brasil, p. 75-76.

[...] em tempo de chuva, há absolutamente piscinas nos locais públicos; e ao menos que uma pessoa tenha um itinerário através dos caminhos que não estão inundados, duvido que ela seria capaz de livrar-se dos atoleiros que cobrem as outras passagens. Serviçais negros põem-se, em tais ocasiões, nas esquinas das ruas, e pela moderada soma de oito ou dez soldos, levam os transeuntes ao outro lado em seus braços, que são tão pretos em sua cor natural como se estivessem cobertos com lama.⁹³

99

MALERBA. A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da independência (1808 a 1821). São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 129-130.

Além de, em virtude das enchentes, tornar-se “necessário ser carregada pelos negros”,⁹⁴ como reafirma Ida Pfeiffer em 1846, o norte-americano Thomas Ewbank, de passagem pelo Brasil no mesmo ano da austríaca, aponta outra maneira de se desvencilhar de tamanho aborrecimento:

100

SEIDLER, Carl. Dez anos no Brasil: eleições sob Dom Pedro I, dissolução do Legislativo, que redundou no destino das tropas estrangeiras e das colônias alemãs no Brasil. Brasília: Senado Federal, 2003, p. 62-63.

[...] logo à tarde, três pancadas de água alagaram as ruas. Homens e rapazes, de guarda-chuvas, cavalgavam em ombros de negros, e, atrás da igreja de Francisco de Paula, um cavalo era empregado para transportar transeuntes através da rua; para não molhar as pernas, iam de joelhos sobre a sela.⁹⁵

As inundações a que estavam submetidas as ruas do Rio de Janeiro traziam implicações diretas na insalubridade da cidade. É o que conta William Bingley:⁹⁶ “em tempo de chuva, numerosas poças se formaram nas ruas, as quais, em consequência do calor, emitiam as exalações mais pútridas”.⁹⁷

Além da combinação entre o acúmulo de água nas vias públicas e as altas temperaturas, a grande quantidade de sujeira das ruas era considerada outro gigantesco problema para a saúde da cidade. A concentração de dejetos dava-se em consequência de um velho hábito da população, já anunciado anteriormente, que vinha desde os tempos coloniais: devido à falta de esgotos, as casas possuíam uma tina que era destinada a receber todas as imundices da morada, tinas estas que deveriam ser esvaziadas em pontos específicos das praias. É o que afirma Thomas Ewbank, em 1846:

101

EBEL, Ernst. O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824. São Paulo: Editora Nacional, 1972, p. 75.

[...] aqui não existem esgotos nem sentinas - nem privadas - nem mesmo quando existem, anexos aos edifícios, pátios e jardins espaçosos. O uso de tambores fechados é universal, mesmo nos subúrbios rurais. Transportados nas cabeças dos escravos, são esvaziados toda noite em certas partes da baía, de tal forma que caminhar pelas ruas depois das dez horas da noite não é seguro nem agradável. Nessa questão o Rio é igual a Lisboa e semelhante ao que já foi Edimburgo.⁹⁸

102

WILKES, Charles. Voyage round the world, embracing the principal events of the narrative of the United States exploring expedition. Philadelphia: Geo. W. Gorton, 1849, p. 31. Tradução nossa.

103

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, p. 122-123.

104
Ibidem, p. 40.

105
SCHLICHTHORST, Carl. O Rio de Janeiro como é, p. 28.

106
RUGENDAS, Johann Moritz. Viagem pitoresca através do Brasil, p. 110.

107
PFEIFFER, Ida Laura. A woman's journey round the world, p. 16. Tradução nossa.

108
SEIDLER, Carl. Dez anos no Brasil, p. 67.

109
LEITHOLD, Theodor von; RANGO, Ludwig von. O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819, p. 12.

110
EBEL, Ernst. O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824, p. 59.

111
SCHLICHTHORST, Carl. O Rio de Janeiro como é, p. 28.

No entanto, apesar de se esperar que o lixo fosse despejado apenas nos locais determinados, tal prática não era frequentemente respeitada no Rio de Janeiro. No momento em que a chuva caía, os escravos despejavam o conteúdo das tinas nas ruas, deixando que a enxurrada se encarregasse da limpeza, esperando que os detritos fossem encaminhados para o mar pelas águas pluviais.⁹⁹ Daí, naturalmente, a sujeira se amontoava por todos os cantos da urbe. Tal é a impressão relatada pelo alemão Carl Seidler, após pisar em solo brasileiro em 1826:

[...] com isso chego a um outro grande mal a que, com grande pesar dos órgãos mais nobres, se está exposto em todas as ruas, praças públicas e principalmente na praia, a todas as horas do dia e da noite. É que os moradores do Rio são muito comodistas e por isso não gostam de comodidades a distância adequada [...]. Por mais que se tenha falado dessa desordem, a polícia, aqui chamada imperial, mas que se não poderá chamar louvável, não conseguiu pôr paradeiro a tão asqueroso costume. Por exemplo, não é nada extraordinário que os negros encarregados de transportar das casas para a praia toda sorte de lixo, por sua vez se revelem demasiado comodistas para levarem o vaso transbordante em longa caminhada até o mar, e na primeira esquina despejam toda a porcaria e se vão embora.¹⁰⁰

Além de tão asqueroso hábito da população, que tanto contribuía para emporcalhar a cidade, as ruas do Rio de Janeiro tinham outro problema: a vala que corria em seus meios. Essas valas, que tinham por função auxiliar o escoamento das águas e das imundices para fora do território citadino, viviam constantemente bloqueadas, interrompendo o fluxo contínuo do que devia ser expelido e, assim, incorporando ainda mais porcarias. Em 1824, Ernst Ebel aponta que nas ruas “corre pelo meio uma valeta que acumula as sujeiras, e só chuvas torrenciais e benfazejas podem lavá-las”.¹⁰¹ Algum tempo depois, Charles Wilkes, norte-americano que aportou em solo carioca em novembro de 1838, complementa: “as sarjetas ficam no meio das ruas, com um curso de água que emite um cheiro de nenhuma maneira agradável”.¹⁰²

De acordo com os visitantes estrangeiros, a sujeira do Rio de Janeiro incomodava também pelos fétidos odores exalados em cada canto da capital. Em 1816, Clarke Abel destaca a sujeira e o mau cheiro das ruas cariocas ao relatar que “quando assevero que em grande parte da cidade lamentei ter um nariz, temo não ter dado uma ideia exata de quão nauseabundo é o cheiro que exala da imundice das ruas”.¹⁰³ Outro inglês, James Justinian Morier, em sua breve passagem de 15 dias pelo Rio de Janeiro, em 1810, apresenta, igualmente, uma cidade imunda e deletéria:

Porcos, há em grande abundância, entre os quais os de uma raça horrorosa, semelhantes a cachorros sem pelo; [...] São vistos aos montes, aparentemente sem donos, remexendo o lixo das ruas.

Para nós, ingleses, verdade seja dita, a imundice de São Sebastião e de seus habitantes é bastante desagradável.¹⁰⁴

E não eram apenas os animais vivos - como estes porcos da descrição de Morier que remexiam o lixo - que desagradavam os

112
ROBERTSON, John Parish; ROBERTSON, William Parish. *Letters on Paraguay*, v. 1, 1838, p. 140. Tradução nossa.

113
TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. *Uma parisiense no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2003, p. 74.

114
REYNOLDS, Jeremiah. *Voyage of the United States frigate Potomac, under the command of commodore John Downes, during the circumnavigation of the globe, in the years 1831, 1832m 1833, and 1834; including a particular account of the engagement at Quallah-Battoo, on the coast of Sumatra; with all the official documents relating to the same*. New York: Published by Harper & Brothers, n. 82 Cliff-Street, 1835, p. 38. Tradução nossa.

115
MATHISON, Gilbert Farquhar. *Narrative of a visit to Brazil, Chile, Peru, and the sandwich Islands, during the years 1821 and 1822; with miscellaneous remarks on the past and present state, and political prospects of those countries*. London: Printed for Charles Knight, Pall Mall East, 1825, p. 8. Tradução nossa.

116
EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil*, p. 73.

117
Ibidem, p. 73.

118
WILKES, Charles. *Voyage round the world*, p. 31. Tradução nossa.

119
BRACKENRIDGE, Henry Marie. *Op. cit.*, p. 19. Tradução nossa.

120
ARAGO, Jacques Étienne Victor. *Narrative of a voyage round the world*, p. 54. Tradução nossa.

121
GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*, p. 21.

estrangeiros. Schlichthorst, em 1824, denuncia mais uma faceta de uma cidade extremamente nociva, em que “cavalos e cães ficam onde caíram mortos”.¹⁰⁵ Mesmo o pintor Johann Moritz Rugendas, que veio ao Rio de Janeiro em 1821 e descreveu, em sua narrativa, alguns dos “melhoramentos” propiciados pela chegada da corte, afirma que “a limpeza das ruas deixa muito a desejar, a ponto de se verem, nos lugares mais frequentados, às vezes durante dias inteiros, cães, gatos e mesmo outros animais mortos”.¹⁰⁶

As praças da cidade também são, recorrentemente, descritas como locais de amontoamento de lixo e dejetos, mesmo aquelas que seriam as principais, como o Largo do Paço, onde estava localizado o Palácio Imperial. A visitante Ida Pfeiffer afirma, em 1846:

[...] a praça perante o Palácio Imperial (Largo do Paço), cujo único ornamento, uma simples fonte, é extremamente suja, e serve, à noite, como um lugar para um grande número de negros livres e pobres dormirem, os quais, ao levantarem-se pela manhã, realizam as diversas funções sanitárias em público com a mais suprema indiferença.¹⁰⁷

Carl Seidler partilha da mesma opinião de Ida Pfeiffer sobre a principal praça da cidade. Diz-nos ele, em 1826, que “mesmo o Largo do Paço, embora mais ou menos calçado, está coberto de capim e, em todo tempo, ainda no mais forte calor, tão cheio de sujidades de toda espécie, que por ali só se poderia fazer má ideia do amor do monarca pelos súditos e vice-versa”.¹⁰⁸

O desencantamento com as praças fluminenses era tanto que o alemão Theodor von Leithold afirma, em 1819, que “além dessas praças principais [Largo do Paço e do Rocio], existem outras menores que nada apresentam de especial, daí não merecerem, aqui, referência”.¹⁰⁹ Outro alemão, Ernest Ebel, também demonstra sua insatisfação com as praças locais em seu testemunho, dado em 1824:

[...] seguimos agora ao longo da praia ou do cais. A praça a que vamos dar, fica repleta até os muros de artigos postos à venda, toda sorte de lenha, bananas, tremoços, mandioca, feijão, etc. Aí prevalece um cheiro insuportável tal a imundice que nela se acumula, pois no Rio não há esgotos nem latrinas; tudo o que sai das casas é aqui em parte descarregado pelos negros no mar, para que as marés levem o que elas alcançam.¹¹⁰

Como relatado logo acima por Ebel, as praias eram, aos olhos dos estrangeiros que visitaram o Rio de Janeiro, outro ponto de insatisfação, cuja causa atribuía-se aos dejetos que ali eram lançados. Assim, se a cidade era um lugar onde “as cloacas são despejadas nas praias e praças públicas”,¹¹¹ como afirma Schlichthorst, nada mais esperado do que encontrar nos livros de viagem a imagem de um litoral extremamente deletério. Vejamos dois testemunhos a respeito: o primeiro, saído da pena de John Parish Robertson e William Parish Robertson, que vieram ao Rio de Janeiro em fins de 1808:

[...] a praia estava coberta com as vísceras de uma cidade grande, onde literalmente não há polícia, e onde tudo comestível se transforma rapidamente em putrefação. Estas miudezas, compostas pela infinita quantidade de peixes e legumes que tinham se tornado podres antes mesmo que pudessem ser

vendidos no mercado, estavam, alternadamente, sendo levadas ora em direção à praia, ora atraídas de volta para o mar pelo recuo das ondas.¹¹²

122
SEIDLER, Carl. Dez anos no Brasil, p. 58.

O segundo testemunho, elaborado pela francesa Adèle Toussaint-Samson, que desembarcou em São Sebastião em 1849 e viveu sob o calor tropical durante cerca de doze anos, também é bem contundente no que se refere à insalubridade da orla carioca:

123
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, p. 112.

[...] enfim, a falua atraca; eis que chegamos. Os negros lançam-se à água e levantam-me em seus braços robustos para pôr-me em terra, pois as margens da baía não são mais que vaso infecto, onde detritos de toda espécie apodrecem exalando emanações nauseabundas. Essa foi nossa primeira desilusão. Aquelas praias, que de longe nos pareciam tão belas e tão perfumadas, eram o receptáculo das imundices da cidade.¹¹³

124
EBEL, Ernst. O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824, p. 12.

Mas voltemos às ruas do Rio de Janeiro, às quais os viajantes constantemente se referiram como “sujas”¹¹⁴ ou “imundas”¹¹⁵, caso de Jeremiah N. Reynolds e Gilbert Farquhar Mathison, que visitaram os trópicos em 1831 e 1821, respectivamente. No entanto, a insalubridade dos logradouros não foi a única característica ressaltada pelos estrangeiros, que ainda reclamavam constantemente que “as ruas são estreitas”.¹¹⁵ O norte-americano Thomas Ewbank, em 1846, tomando como exemplo a rua da Alfândega, importante via do Rio de Janeiro, afirma que ela “tem apenas cinco metros e meio de uma parede a outra, largura geral em todas as outras partes da cidade. Algumas das ruas excedem essa média, ao passo que as outras são simples vielas”.¹¹⁶ Já Henry Brackenridge destaca, em 1818, que as ruas seriam tão estreitas que duas casas, situadas uma de frente para a outra, “aproximam-se tanto, que duas pessoas quase podem apertar as mãos através da rua; provavelmente, resultado do antigo gosto mourisco”.¹¹⁷ Além de estreitas, as ruas também foram descritas como “mal pavimentadas”¹¹⁸ e “sem calçadas”¹¹⁹. É o que atestam Jacques Arago, que desembarcou no Brasil em 1817, e George Gardner, que se estabeleceu no Novo Mundo entre 1836 e 1841, apontando, respectivamente, que “muitas das ruas não são pavimentadas, e as que são, são tão miseravelmente, que seria melhor se elas tivessem sido deixadas intocadas”¹²⁰, e que “além de estreitas e sujas, as ruas são também de mau calçamento e pior pavimentação, embora a cidade seja circundada de perto por montanhas do mais belo granito”.¹²¹

125
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Op. cit., p. 41.

126
Ibidem, p. 129.

127
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, p. 90.

Contudo, quase nada chamou mais a atenção dos estrangeiros nas ruas cariocas do que a maciça presença dos escravos que por elas transitavam, o que, aos olhos dos visitantes, intensificava ainda mais a ausência de modos e padrões de civilidade europeus na cidade. A grande quantidade de negros chocou os aventureiros que aportaram em território brasileiro, como o alemão Carl Seidler que, em 1826, ao ver uma série de escravos acorrentados, não teve dúvidas em destacar: “a primeira impressão que colhemos da vida humana no Rio de Janeiro foi altamente desagradável e revoltante; destruiu todos os sonhos idílicos que como chuva de maná se derramou sobre nosso coração ainda enjoado do mar”.¹²² Os escravos eram tão numerosos na cidade que, nas palavras de Clarke Abel, “um visitante desconhecedor do tráfico de escravos poderia ser levado a pensar que a cidade é habitada por

128
SCHLICHTHORST, Carl. O Rio de Janeiro como é, p. 138.

129
EBEL, Ernst. O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824, p. 98.

130
Ibidem, p. 13-14.

escravos e que seus mestres são moradores esporádicos”¹²³ Partilhando da mesma opinião, Ernest Ebel, em 1824, oito anos após a passagem de Abel, afirma: “estranha é a sensação do desembarque. Ao invés de brancos, só vi negros, seminus, a fazerem um barulho infernal e a exalarem um cheiro altamente ofensivo ao olfato”¹²⁴

131
COLTON, Walter. Deck and port, p. 88.
Tradução nossa.

A “barbárie” relacionada à presença dos escravos estendia-se ao próprio aspecto físico dos cativos. Diziam os viajantes que a aparência dos africanos era miserável, malgrado o tratamento recebido dos senhores não ser, normalmente, descrito como de todo cruel. Afirmavam, entre os quais, James Justinian Morier, que permaneceu por 15 dias no Rio de Janeiro durante o mês de setembro de 1810, que a repugnante aparência dos escravos se devia mais às doenças que os acometiam, tanto durante a travessia do Atlântico como em terras brasileiras, do que aos maus-tratos impingidos pelos senhores após o desembarque.¹²⁵ Entretanto, como relata o inglês William Ellis, em 1816:

132
CONDER, Josiah. The modern traveller, v. 1, 1825, p. 102. Tradução nossa.

Nas famílias inglesas e portuguesas com as quais tivemos algum contato, ainda que o tratamento dispensado aos escravos domésticos não seja rude, o chicote é freqüentemente empregado de uma maneira e em circunstâncias que vão contra qualquer sentimento de humanidade.¹²⁶

133
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, p. 88.

Além de ser a maioria da população, os negros ocupavam as ruas pelo fato de realizarem quase todos os trabalhos e serviços da cidade. Desse modo, como aponta Henry Ellis, era “hábito aqui enviar o escravo para a rua pela manhã, com a incumbência de trazer para casa, ao fim do dia, certa quantia em dinheiro”¹²⁷

134
SCHLICHTHORST, Carl. O Rio de Janeiro como é, p. 46.

A imagem dos negros realizando suas tarefas diárias pelos caminhos públicos era demasiado perturbadora para os estrangeiros, tanto que foram inúmeras as descrições que eles nos legaram desta cena. Eis o que destaca o alemão Carl Schlichthorst, em 1824:

135
SEIDLER, Carl. Dez anos no Brasil, p. 67.

[...] os escravos mais forçados trabalham nas ruas como carregadores. Andam nus com uma simples tanga amarrada à cintura, que mal cobre as coxas. Levam todas as cargas à cabeça. Às vezes, bastam seis e mesmo quatro para carregar depressa uma caixa de açúcar do peso de 2.200 libras. Esses mariolas entregam aos seus amos uma diária certa e eles próprios satisfazem as suas necessidades de vida. O mesmo se dá com as jovens pretas, que vendem frutas e outras miudezas, obrigadas a entregar de 16 a 20 vinténs ou meio táler por dia. O que ganham a mais lhes pertence. Como estas últimas praticam também outro ramo de negócio, muitas possuem elevados capitais.¹²⁸

136
SCHLICHTHORST, Carl. Op. cit., p. 56-57.

Ao narrarem o dia a dia dos negros pelas ruas cariocas, além da própria presença dos africanos, com seus “comportamentos incivilizados” e seu “nauseabundo fedor”, era o barulho que esta gente perpetrava o que mais incomodava os aventureiros estrangeiros. Ernst Ebel, ao visitar as ruas fluminenses em 1824, comenta: “meus ouvidos europeus não se conciliam é com o barulho das ruas. Bem cedo, às cinco horas, começa o espetáculo”¹²⁹ Mais adiante, o alemão complementa: “o barulho é incessante [...]. É realmente para atordoar”¹³⁰

Além da insalubridade das vias, da má construção dos logradouros e do desapontamento em relação ao cotidiano da população nas ruas do Rio de Janeiro, os estrangeiros quase sempre

137
REYNOLDS, Jeremiah. Voyage of the United States frigate Potomac, p. 38. Tradução nossa.

138
CONDER, Josiah. The modern traveller, v. 1, 1825, p. 108. Tradução nossa.

139
Ibidem, p. 108. Tradução nossa.

140
MATHISON, Gilbert Farquhar. Narrative of a visit to Brazil, Chile, Peru, and the sandwich Islands, during the years 1821 and 1822, p. 8. Tradução nossa.

141
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, p. 63-64.

142
LEITHOLD, Theodor von; RANGO, Ludwig von. O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819, p. 11.

143
HOLMAN, James. A voyage round the world, including travels in Africa, Asia, Australasia, America, etc. etc. from MDCCCXXVII to MDCCCXXXII. London: Smith, Elder, and Co., Cornhill Booksellers, by appointment, to their majesties, v. 2, 1834, p. 65. Tradução nossa.

144
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, p. 88.

145
CONDER, Josiah. The modern traveller, v. 1, 1825, p. 107. Tradução nossa.

146
GRAHAM, Maria. Diário de uma viagem ao Brasil, p. 205.

147
EBEL, Ernst. O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824, p. 91.

148
PFEIFFER, Ida Laura. A woman's journey round the world, p. 16. Tradução nossa.

149
LEITHOLD, Theodor von; RANGO, Ludwig von. O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819, p. 133.

150
SCARLETT, Peter Campbell. South America and the Pacific; comprising a journey across the Pampas and the Andes, from Buenos Ayres to Valparaiso, Lima, and Panamá; with remarks upon the Istmus. London: Henry Colburn, Publisher, v. 1, 1838, p. 36-37. Tradução nossa.

destacaram que nada de interessante poderia ser encontrado na paisagem urbana durante um passeio pelas vias fluminenses, a começar pela arquitetura citadina, normalmente descrita como de péssimo gosto, nenhuma beleza e raríssima notoriedade, principalmente se comparada ao belo cenário natural dos trópicos. Tal é a opinião de Walter Colton, que visitou São Sebastião em dezembro de 1845, apontando que “a arquitetura do homem aqui é tão inferior à da natureza, que ela deveria fazer um pedido de desculpas onde quer que se apresente”.¹³¹ O inglês Josiah Conder complementa: “o estilo da arquitetura no Rio é, em geral, desprezível, lembrando aquele da parte antiga de Lisboa”.¹³²

Grande parte das críticas direcionadas às construções da cidade referem-se aos edifícios públicos, os quais, de acordo com o diplomata inglês Henry Ellis, cujo testemunho data de 1816, “não são nem numerosos, nem dignos de nota do ponto de vista arquitetônico”.¹³³ Entre os edifícios mais recriminados encontra-se o Palácio Imperial que, segundo Carl Schlichthorst, “não difere muito dos outros edifícios da cidade. Seu interior não é deslumbrante e há centenas de casas particulares melhor alfaiadas”.¹³⁴ Outro alemão, Carl Seidler, doze anos depois, ainda mantém a mesma opinião de Schlichthorst acerca daquela que deveria ser a obra mais suntuosa do Brasil, o palácio de seu Imperador:

[...] com este desvio perdemos de vista o Paço Imperial, mas de fato com isso pouco perdemos. Julga-se antes defrontar a residência de abastado particular, do que o palácio do primeiro potentado do Novo Mundo. Não se lhe descobre qualquer ornato, nem exterior nem interior; o mobiliário é moderno, mas em parte inadequado e usado antes de ter uso; os quartos são delicados, mas não confortáveis.¹³⁵

Outro edifício do Imperador, a Quinta da Boa Vista, localizada nos arredores da cidade, também foi alvo de críticas por parte dos estrangeiros. Ouçamos o alemão Carl Schlichthorst:

[...] o Castelo, denominado Quinta Imperial da Boa Vista, fica em suave colina, no meio de lindo vale, rodeado de jardins mal tratados e pintados de amarelo. Sua forma não agrada. Compõe-se duma torre redonda em estilo mourisco e de alguns pavilhões quadrados, constituindo um conjunto irregular. Internamente é como uma grande residência particular, com escadas estreitas e corredores escuros e apertados. Miserável escada traseira leva aos aposentos da Imperatriz, com vista pouco convidativa sobre as estrebarias, que ficam por baixo deles. Cozinhas e quartos sujos da criadagem se distribuem por ali e têm aspecto repelente. Em resumo, tanto no Palácio Imperial como em qualquer casa brasileira, sempre se encontram vestígios da influência dos negros. A sujeira, a falta de ordem, o mais berrante contraste entre a sovinice e o esbanjamento, serviço péssimo apesar da quantidade de escravos pretos e brancos, o ralar e o bater sem fim são coisas insuportáveis para o europeu recém-chegado, o qual só com o tempo a elas se acostuma.¹³⁶

Jeremiah N. Reynolds, em visita à cidade em 1831, apresenta o seguinte panorama dos edifícios públicos da urbe:

[...] o palácio, que ocupa a parte superior da praça, apesar de extenso em suas dimensões, não tem nada particularmente magnífico em sua aparência. Os

151
SEEMANN, Berthold Carl. Narrative of the voyage of H M S Herald during the years 1845-51, under the command of Captain Henry Kellett, R. N., C. B.; being a circumnavigation of the globe, and three cruises to the Arctic regions in search of Sir John Franklin. London: Reeve and Co. Henrietta Street, Covent Garden, v. 1, 1853, p. 17. Tradução nossa.

152
BINGLEY, William. Travels in South America from modern writers, p. 309. Tradução nossa.

153
EWBANK, Thomas. A vida no Brasil, p. 52.

154
SEIDLER, Carl. Dez anos no Brasil, p. 60.

155
Ibidem, p. 62.

156
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, p. 88-89.

157
SCHLICHTHORST, Carl. O Rio de Janeiro como é, p. 46.

158
SCHLICHTHORST, Carl. O Rio de Janeiro como é, p. 46.

159
BRACKENRIDGE, Henry Marie. Voyage to Buenos Ayres, p. 19. Tradução nossa.

160
SCHLICHTHORST, Carl. O Rio de Janeiro como é, p. 46.

161
LEITHOLD, Theodor von; RANGO, Ludwig von. O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819, p. 11.

162
FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, p. 62.

outros edifícios públicos, incluindo a capela imperial, uma catedral, igrejas, conventos, correios, teatro, ópera, etc., não apresentam qualquer vista imponente de elegância da arquitetura.¹³⁷

O inglês Josiah Conder também emite sua opinião sobre alguns dos edifícios públicos fluminenses. De acordo com o inglês, a Alfândega “é um edifício miserável”¹³⁸ e a Casa da Moeda e os Arsenais da Marinha e do Exército “são chamados de prédios magníficos [pelos habitantes locais], mas apresentam uma aparência muito pobre para os olhos de um europeu”.¹³⁹ Gilbert Mathison, que chegou ao Rio de Janeiro em 1821, complementa o quadro dos edifícios ao afirmar que o “Banco, Casa da Moeda, Alfândega e Arsenal, estão todos situados na Rua Direita, ao longo da beira-mar, mas não exibem nada de notável”.¹⁴⁰

De modo geral, os edifícios públicos não conseguiam esconder o seu estado acanhado e, muitas vezes, deplorável. De acordo com os viajantes, havia claros sinais de descuido, de miséria e de deterioração. Em 1812, James Prior alerta que “tudo isto faz parte do gosto nacional. Por vezes, parece que, para os portugueses, em se tratando dos prédios públicos, a elegância é uma afronta e a limpeza, um pecado”. Ainda segundo este visitante, “uma urbe deserta ou vítima de um saque não poderia apresentar pior estado de conservação”.¹⁴¹

O Passeio Público também não agradou o olhar dos visitantes. Em 1819, Theodor von Leithold assevera que ele “parece mais uma horta comum”.¹⁴² James Holman, dez anos depois, destaca “um grave inconveniente decorrente de uma vala ou pequena sarjeta, de um de seus lados, em que animais mortos e outras matérias ofensivas são depositados, ocasionando um mau cheiro tão intolerável que, às vezes, é impossível aproximar-se daquela parte”.¹⁴³

Somente duas espécies de construções se destacaram um pouco mais sob a pena dos estrangeiros: as igrejas e o aqueduto. Como aponta Henry Ellis, em 1816, “o pouco de esplendor que há na cidade se deve às igrejas”.¹⁴⁴ Josiah Conder também afirma que as “igrejas e conventos são quase os únicos prédios públicos no Rio que merecem nota”.¹⁴⁵ No entanto, a notoriedade das igrejas não foi consensual na observação dos visitantes estrangeiros, sendo muitos os que afirmaram, como Maria Graham - cuja narrativa pertence àquele grupo dos que testemunham a favor dos melhoramentos recebidos pelo Rio de Janeiro após 1808 -, que “até as igrejas não apresentam beleza arquitetônica e devem o bom efeito que produzem na vista geral, ao tamanho e à colocação”.¹⁴⁶ Três anos depois de Graham ter desembarcado no Rio de Janeiro, Ernst Ebel alerta que “é grande o número de igrejas, algumas por terminar, mas já caindo em ruínas. Arquiteticamente, não têm mérito particular”.¹⁴⁷ Em 1846, Ida Pfeiffer ainda aponta que “não há nada memorável na aparência das igrejas, tanto por dentro quanto por fora”.¹⁴⁸

O aqueduto da cidade foi talvez a construção pública que mais positivamente tenha chamado a atenção dos viajantes. É o que afirma, em 1819, o alemão Ludwig von Rango: “entre as coisas dignas de serem vistas nos arredores, está o aqueduto que desce a água das montanhas e a conduz até o centro da cidade”.¹⁴⁹ Peter Campbell Scarlett, que visitou o Rio de Janeiro em setembro de 1834, aponta a

163
EWBANK, Thomas. A vida no Brasil, p. 73.

existência de “um belo aqueduto, em uma parte elevada da cidade, [que] compõe um dos principais objetos dignos de nota”.¹⁵⁰ Durante sua passagem de 10 dias pela capital brasileira em agosto de 1845, Berthold Carl Seemann reitera as opiniões acima citadas, enfatizando que “o aqueduto é realmente um nobre trabalho [...] solidamente construído”.¹⁵¹

164
Ibidem, p. 320-321.

O que primeiro chamou a atenção dos viajantes nas residências cariocas foi o fato de que “as casas do Rio são raramente de mais de um andar de altura”.¹⁵² Em 1846, Thomas Ewbank destaca que “as casas são baixas, com as fachadas de reboco colorido e cobertas com velhas telhas vermelhas. Não se vê uma única porta com almofadas, nem varandas, argolas ou cordões de campainhas; vêem-se, todavia, muitas janelas sem vidraças”.¹⁵³ Vinte anos antes, Carl Seidler já havia afirmado que “as casas [eram] quase todas baixas, sujas e edificadas em estilo vulgar, sem levar em conta questões de gosto e de comodidade da vida social, à feição da vontade no momento e da urgência”.¹⁵⁴ O alemão ainda complementa:

[...] as casas do Rio são, como disse, em geral baixas, pequenas, sujas, sem gosto e incômodas; só nas mais ricas se vêem tapetes e muitas vezes o rés-do-chão não é assoalhado. Em toda parte reina arranjo barroco do material, da distribuição e dos ornamentos arquitetônicos - quando tais existem. Na verdade, às vezes se nota uma espécie de luxo, mesmo ostentação, mas nunca elegância, simetria ou conforto no interior.¹⁵⁵

165
LEITHOLD, Theodor von; RANGO, Ludwig von. Op. cit., p. 11.

Mesmo as residências das figuras mais importantes e abastadas da urbe não agradaram aos estrangeiros que vieram aos trópicos. Como aponta Henry Ellis, em 1816, “em geral, as casas dos principais da cidade não indicam nenhuma preocupação com a beleza arquitetônica e não trazem qualquer adaptação ao clima do país”.¹⁵⁶

166
PFEIFFER, Ida Laura. A woman's journey round the world, p. 16. Tradução nossa.

Nas principais ruas da cidade, como a Direita, a do Ouvidor e a dos Ourives, as casas já possuíam mais de um andar, ocupando-se “geralmente o rés-do-chão com armazéns e lojas”.¹⁵⁷ De acordo com Henry Brackenridge, que esteve na cidade no início de 1818, essas casas, “em geral, têm uma aparência ruim e projetam sacadas no segundo andar”.¹⁵⁸ Nessas sacadas ou balcões, o que mais chamava a atenção era a situação das janelas, que, na opinião de Carl Schlichthorst, “enfeiam qualquer edifício”.¹⁵⁹ Isso porque quase nenhuma delas possuía janelas de vidro, mas normalmente de madeira, as chamadas gelosias. Apesar da ordem de Dom João de retirá-las já no ano de 1808, os moradores locais ainda as mantinham em algumas casas, principalmente as localizadas nos arredores da cidade. Segundo Josiah Conder, “na periferia da cidade, as ruas não são pavimentadas e as casas são de apenas um andar, baixo, pequeno e sujo, com as portas e janelas de gelosias, abrindo-se para fora, para desgosto dos transeuntes”.¹⁶⁰ Mas mesmo dentro da urbe, as treliças ainda eram encontradas, como atesta Theodor von Leithold, em 1819:

167
CALDCLEUGH, Alexander. Travels in South America, during the years 1819-20-21; containing an account of the present state of Brazil, Buenos Ayres, and Chile. London: John Murray, Albemarle Street, v. 1, 1825, p. 9. Tradução nossa.

[...] a maioria das casas é de um só pavimento e apenas uma janela, que, em muitas, é inteiramente de madeira, isto é, fechada por uma grade de trama apertada como as de nossos galinheiros ou pombais. Também a porta exterior é provida de grade semelhante, que serve também de janela. Por essa porta

168
SUZANNET, Conde de. O Brasil em 1845: semelhanças e diferenças após um século. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1957, p. 27.

entra-se na única e exígua peça da casa.¹⁶¹

Outro problema relacionado às residências diz respeito à sua localização, a “poucos pés acima do nível da água”,¹⁶² como destaca James Prior, em 1812. Para os viajantes, esta situação seria extremamente prejudicial para a construção de casas, uma vez que, como aponta Thomas Ewbank, em 1846, “a calçada é geralmente pouco acima do nível da baía. Em qualquer parte basta cavar alguns pés para encontrar água”.¹⁶³ Com a proximidade das águas na superfície do território, quando este já não estava tomado pelas águas das enchentes, o solo fluminense permanecia invariavelmente úmido, o que provocava, somando-se também a umidade do clima, uma série de transtornos e doenças na população local. O mesmo Ewbank relata o caso de uma mulher que, em decorrência da umidade de seu lar, sofreria constantemente de reumatismo:

169

MATHISON, Gilbert Farquhar. Narrative of a visit to Brazil, Chile, Peru, and the sandwich Islands, during the years 1821 and 1822, p. 8. Tradução nossa.

[...] uma senhora de minhas relações passou anos a fio nestas condições. As pessoas, vivendo em casas térreas, dificilmente conseguem escapar. O ar é excessivamente úmido, quase todas as ruas são baixas e inundadas durante a estação chuvosa, enquanto o solo é tão saturado de água que, cavando-se a uma profundidade de sessenta a noventa centímetros, transborda por toda parte.¹⁶⁴

170

HOLMAN, James. A voyage round the world, v. 2, 1834, p. 65. Tradução nossa.

O problema da umidade era ainda agravado pelo próprio modo como as casas eram construídas. O visitante Theodor von Leithold, em 1819, testemunha acerca dos transtornos causados pela precariedade da construção das casas e pelo alto índice de umidade:

171

PFEIFFER, Ida Laura. A woman's journey round the world, p. 26. Tradução nossa.

[...] as ditas casinhas não têm alicerces. As tábuas do soalho são pregadas em dormentes fixados, sem a mínima proteção, diretamente ao chão; é fácil imaginar, em consequência, os efeitos nocivos da umidade para a saúde, sobretudo na época das chuvas. Afora estas casas térreas, há outras de dois, três e quatro pavimentos, com balcões de ferro ou de madeira; mas nelas também prevalece a mesma umidade, a ponto de não se poder deixar botas ou sapatos no segundo andar sem que se cubram em poucos dias de espessa camada de mofo.¹⁶⁵

Desse modo, para a maioria dos viajantes que passaram pelo Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos, nomeadamente os visitantes “críticos”, a cidade oferecia “muito pouco em relação às praças, ruas e edifícios, os quais, para um estrangeiro, comprovam-se de modo algum atraentes”.¹⁶⁶ Isso porque “as ruas são, em geral, retas, mas estreitas e limitadas. As praças não são de modo algum numerosas e, assim como as casas, não são regularmente construídas, não havendo nada para admirá-las”.¹⁶⁷ De maneira geral, o panorama retratado pelo Conde de Suzannet, em 1845, expressa claramente a visão que os viajantes estrangeiros possuíam da urbe:

[...] a cidade do Rio tem a forma de um quadrado irregular e fica situada às margens da baía. [...] O palácio do Imperador é um grande edifício quadrado sem arquitetura. As igrejas, os diversos monumentos destinados aos serviços públicos são construídos com solidez, mas sem elegância. Quanto às praças principais da cidade, são irregulares e mal construídas, só tendo de notável o tamanho. Um jardim sombreado por árvores é o único passeio no centro da cidade, mas, graças aos hábitos indolentes dos brasileiros, está sempre deserto.

As ruas sujas e estreitas de casas que raras vezes tem mais que um andar, mal calçadas e desiguais, tornam qualquer excursão, a pé ou de carro, difícil e cansativa.¹⁶⁸

Considerações finais

Como enunciado no início deste artigo, meu objetivo aqui foi descrever a imagem do Rio de Janeiro construída pelos viajantes estrangeiros na literatura de viagem produzida durante o século XIX, especificamente em relação às supostas transformações europeizantes que teriam ou não se realizado na cidade após a chegada de Dom João. Ao deixar as citações “falarem por si próprias”, com o intuito de reconstituir – ainda que parcialmente – o que os viajantes estrangeiros, afinal, tinham a dizer sobre os acontecimentos em que estavam envolvidos, pode-se perceber que, para eles, o Rio de Janeiro não passava de um lugar “onde as artes comuns da vida civilizada são de crescimento tardio e débil”.¹⁶⁹ Ou seja, uma cidade que se encontrava em débito com os padrões de civilidade e modernização de metrópoles europeias, como Londres e Paris. Como reitera o inglês James Holman, que veio ao Brasil em 1829:

[...] que não há no mundo, talvez, uma cidade de igual extensão com menos acomodação, menos diversões, menos satisfação procedente da sociedade de seus habitantes, ou menos objetos interessantes do que esta célebre cidade do Rio de Janeiro, a capital do Brasil; e apesar deste país ter sido bem governado, não há muitos lugares suscetíveis de embelezamento para harmonizar com a esplêndida paisagem pela qual está cercado, é deficiente nas utilidades, bem como nos ornamentos, e não possui em suas melancólicas ruas uma única carruagem de aluguel ou cadeira, conveniências que são fundamentais em uma cidade grande, particularmente em um clima quente.¹⁷⁰

Assim, a cidade do Rio de Janeiro chamava a atenção dos europeus muito mais por sua peculiaridade do que por seu encantamento. A inglesa Ida Pfeiffer resume bem a sensação que um estrangeiro sentia após conhecer o Novo Mundo: “o Brasil é, talvez, o país mais interessante do mundo para os viajantes, mas para um lugar de residência permanente, devo mais decididamente preferir a Europa”.¹⁷¹

Este é o Rio de Janeiro construído pelos viajantes estrangeiros durante a primeira metade do Oitocentos: um Rio de Janeiro que, malgrado ter sido agraciado por tantas belezas naturais, é apresentado como uma cidade de contornos acanhados e tomada por escravos; uma urbe de clima desagradável e deletério, com suas ruas, praças e praias imundas e fedorentas; uma cidade com suas casas úmidas e suas igrejas pestilentas; em uma palavra: uma cidade insalubre. Uma urbe incomum para um estrangeiro, que a identificava muito mais com uma cidade ainda imersa na barbárie do que, efetivamente, com uma Paris tropical.

Referências Bibliográficas

Fontes

- ADALBERTO, Príncipe da Prússia. Brasil: Amazônia-Xingu. Brasília: Senado Federal, 2002.
- ARAGO, Jacques Étienne Victor. Narrative of a voyage round the world, in the Uranie and Physicienne corvettes, commanded by Captain Freycinet, during the years 1817, 1818, 1819 and 1820; on a scientific expedition undertaken by order of the French Government. London: Treuttel and Wruetz, Treuttel, Jun. and Richter, 30, Soho-Square, 1823.
- BINGLEY, William. Travels in South America from modern writers, with remarks and observations; exhibiting a connected view of the geography and present state of that quarter of the globe. London: Printed for John Sharpe, at Haile's Juvenile Library, London Museum, Piccadilly by C. Whittingham, Chiswick, 1820.
- BRACKENRIDGE, Henry Marie. Voyage to Buenos Ayres, performed in the years 1817 and 1818, by order of the American government. London: Printed for Sir Richard Phillips and Co. Bride-Court, Bridge-Street, 1820.
- CALDCLEUGH, Alexander. Travels in South America, during the years 1819-20-21; containing an account of the present state of Brazil, Buenos Ayres, and Chile. London: John Murray, Albemarle Street, v. 1, 1825.
- COLTON, Walter. Deck and port; or incidents of a cruise in the United States frigate Congress to California: with sketches of Rio de Janeiro, Valparaiso, Lima, Honolulu, and San Francisco. London: Partridge & Oakey, Paternoster Row, 1851.
- CONDER, Josiah. The modern traveller. A popular description, geographical, historical, and topographical, of the various countries of the globe. Brazil and Buenos Aires. London: Printed for James Duncan; Oliver and Boyd, Edinburgh; M. Ogle, Glasgow; and R. M. Tims, Dublin, 1825, vol. 1.
- DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. São Paulo: Martins, 1972, 3 v.
- DENIS, Ferdinand. Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- EBEL, Ernst. O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824. São Paulo: Editora Nacional, 1972.
- EWBANK, Thomas. A vida no Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino: antologia de textos (1809-1818). Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- GARDNER, George. Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- GRAHAM, Maria. Diário de uma viagem ao Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.
- HOLMAN, James. A voyage round the world, including travels in Africa, Asia, Australasia, America, etc. etc. from MDCCCXXVII to MDCCCXXXII. London: Smith, Elder, and Co., Cornhill Booksellers, by appointment, to their majesties, v. 2, 1834.
- KIDDER, Daniel Parish. Reminiscências de viagens e permanências no Brasil, compreendendo notícias históricas e geográficas do

- Império e das diversas províncias. São Paulo: Martins, v. 2, 1972.
- KOTZEBUE, Otto von. A new voyage round the world, in the years 1823, 24, 25 and 26. London: Henry Colburn and Richard Bentley, New Burlington Street, v. 1, 1830.
- LEITHOLD, Theodor von; RANGO, Ludwig von. O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- LUCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- MATHISON, Gilbert Farquhar. Narrative of a visit to Brazil, Chile, Peru, and the sandwich Islands, during the years 1821 and 1822; with miscellaneous remarks on the past and present state, and political prospects of those countries. London: Printed for Charles Knight, Pall Mall East, 1825.
- MAWE, John. Viagens ao interior do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.
- PFEIFFER, Ida Laura. A woman's journey round the world, from Vienna to Brazil, Chili, Tahiti, China, Hindostan, Persia, and Asia Minor. London: Printed by Petter, Duff, and Co. Playhouse Yard, Blackfriars, s/d.
- POHL, Johann Emanuel. Viagem no interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 à 1821 e publicada por ordem de sua majestade o imperador da Áustria Francisco Primeiro. Rio de Janeiro: INL, v. 1, 1951.
- REYNOLDS, Jeremiah. Voyage of the United States frigate Potomac, under the command of commodore John Downes, during the circumnavigation of the globe, in the years 1831, 1832, 1833, and 1834; including a particular account of the engagement at Quallah-Battoo, on the coast of Sumatra; with all the official documents relating to the same. New York: Published by Harper & Brothers, n. 82 Cliff-Street, 1835.
- ROBERTSON, John Parish; ROBERTSON, William Parish. Letters on Paraguay: comprising an account of a four years' residence in that republic, under the government of the dictator Francia. London: John Murray, Albemarle Street, v. 1, 1838.
- RUGENDAS, Johann Moritz. Viagem pitoresca através do Brasil. São Paulo: Martins, 1976.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- _____. Viagem pelo distrito dos Diamantes e litoral do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- SCARLETT, Peter Campbell. South America and the Pacific; comprising a journey across the Pampas and the Andes, from Buenos Ayres to Valparaiso, Lima, and Panamá; with remarks upon the Isthmus. London: Henry Colburn, Publisher, v. 1, 1838.
- SCHLICHTHORST, Carl. O Rio de Janeiro como é: uma vez e nunca mais. Contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2000.
- SEEMANN, Berthold Carl. Narrative of the voyage of H M S Herald during the years 1845-51, under the command of Captain Henry Kellett, R. N., C. B.; being a circumnavigation of the globe, and three cruises to the Arctic regions in search of Sir John Franklin.

- London: Reeve and Co. Henrietta Street, Covent Garden, v. 1, 1853.
- SEIDLER, Carl. Dez anos no Brasil: eleições sob Dom Pedro I, dissolução do Legislativo, que redundou no destino das tropas estrangeiras e das colônias alemãs no Brasil. Brasília: Senado Federal, 2003.
- SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Viagem pelo Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1976, 3 v.
- SUZANNET, Conde de. O Brasil em 1845: semelhanças e diferenças após um século. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1957.
- TEMPLE, Edmond. Travels in various parts of Peru, including a year's residence in Potosi. London: Henry Colburn and Richard Bentley, New Burlington Street, v. 2, 1830.
- TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. Uma parisiense no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2003.
- WALSH, Robert. Notices of Brazil in 1828 and 1829. London: Frederick Westley and A.H. Davis, Stationers' Hall Court, v. 1, 1830.
- WIED-NEUWIED, Maximiliano de. Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- WILKES, Charles. Voyage round the world, embracing the principal events of the narrative of the United States exploring expedition. Philadelphia: Geo. W. Gorton, 1849.

Bibliografia

- BICALHO, Maria Fernanda. A cidade e o Império: o Rio de Janeiro no século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARELLI, Mario. Culturas cruzadas: intercâmbios culturais ente França e Brasil. Campinas: Papirus, 1994.
- FALCÓN, Francisco; MATTOS, Ilmar Rohloff de. "O processo de independência no Rio de Janeiro". In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). 1822: Dimensões. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. A construção do Brasil na literatura de viagem nos séculos XVI, XVII e XVIII. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; São Paulo: Editora da UNESP, 2012.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. "A herança colonial - sua desagregação". In: _____. (dir.). História geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico. São Paulo: Difusão Européia do Livro, tomo II, v. 1, 1965.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Livros de viagem (1803-1900). Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- LIMA, Oliveira. D. João VI no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- LISBOA, Karen Macknow. A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Hucitec, 1997.
- MALERBA. A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da independência (1808 a 1821). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MARTINS, Luciana de Lima. O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

- MINDLIN, José. "Viajantes no Brasil: viagem em torno de meus livros".
In: Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991, p. 35-54.
- MOTA, Carlos Guilherme. "Europeus no Brasil à época da Independência: um estudo". In: _____ (Org.). 1822: Dimensões. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- PAGDEN, Anthony. European Encounters with the New World: from Renaissance to Romanticism. New Heaven/London: Yale University Press, 1993.
- TORRÃO FILHO, Almicar. A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845). 2008. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.
- SÜSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui: o narrador a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VEYNE, Paul. Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- WILCKEN, Patrick. Império à deriva: a corte portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.